

"A GUERRILHA COMO ARMA DE SUBVERSÃO COMUNISTA"

Gen-Bda de EM, JOSÉ DIAZ DE VILLEGAS Y BUSTAMANTE, Diretor-Geral de Pracas e Provinciais Africanas. ("Ejército" — Espanha, Dez 64). Trad e notas do Maj Art (QEMA) JONAS CORREIA NETO.

Entre as novidades levadas pela Espanha à história da guerra — que não foram poucas — figura, em primeiro plano, a "guerrilha". "Guerrilha", em espanhol, significa "guerra pequena", embora às vezes ela seja implacável. Os franceses — para quem é difícil pronunciar o nosso "r" dobrado — suavizaram a denominação, chamando-lhe "guerrilha".

A "guerrilha" é feita pelos "partidários" — de "partida" (1).

Da palavra "partidários", por sua vez, a gíria internacional tirou arbitrariamente outra — "partisans" — aparecida no leste europeu. O curioso do caso é que, em algumas ocasiões, traduz-se "partisan" por "partidário", vocábulo que encerra uma idéia pacífica.

A "Guerrilha" é uma guerra defensiva. Guerrilha é, sobretudo, atividade. Na Espanha ela nasce prontamente, espontaneamente. Alguém disse que ela é "filha de nossa geografia". A verdade é que a guerrilha na Espanha se apoiou sempre, tradicionalmente, nas montanhas. Porém, indubitavelmente, pode apoiar-se em outro meio geográfico qualquer, como nos bosques ou nas planícies pantanosas. Nos bosques, apoiou-se na Rússia; nos pântanos e alagadiços, em Cuba. Podem, igualmente, buscar apoio em outros fatores diferentes — geográficos, físicos ou humanos.

A guerrilha surge, espontaneamente, nos albores de nossa independência, contra as legiões romanas chegadas para nos dominar. E prolonga tanto a luta, que Tito Lívio pôde advertir que "a Espanha foi a primeira conquista iniciada por Roma e a última que conseguiu". Era esta guerrilha espanhola, celtíbera, a que, no dizer de Veleyo Petérculo, consumia os melhores generais e soldados romanos (2). É a "guerra do fogo", como

(1) Partido, facção, bando.

(2) Primeiro foi Viriato (150 A.C.), que, possuindo reais qualidades de chefe e administrador, organizou bandos armados, os quais, utilizando-se admiravelmente da natureza acidentada do terreno peninsular, "inauguraram o sistema de guerrilhas com excepcionais vantagens", tão grandes estas, que a Roma só restou propor a paz em pé de igualdade. Passados quase 80 anos, ao tempo da ditadura de Syla, foi um general romano, exilado entre os hispânicos, quem dirigiu êstes contra os romanos; o seu sistema operacional consistia ainda de guerrilhas, sempre e tão bem sucedidas que os generais inimigos (dos quais Metelo foi o mais célebre) "não só perdiam suas tropas mas também a própria reputação".

foi chamada por Políbio. Que exige, como ressalta Estrabão, homens ágeis, ligeiros e fortes. Desde então, a "guerra de guerrilhas" apareceu sempre, espontânea, nas graves crises nacionais. Por exemplo, e decisivamente, na guerra da independência espanhola, contra Napoleão. Eis aqui, como veremos, um feito que deveria ter singular transcendência para o mundo. O "Exército Invisível" foi o implacável inimigo de Napoleão. Com efeito: esgotou o invasor e perturbou freqüentemente todo o seu sistema de suprimento, cooperando com a ação do exército regular. Os capitães daquelas guerrilhas saíram de tôda parte: Sánchez Mina e o "Empecinado" (3), do campo; Palanca era médico e Merino, cura... Sua atividade era tal, que seu número parecia aos inimigos algo fantástico. A Duquesa de Abrantes supôs que na Espanha havia 60.000 guerrilheiros e Fontin elevou esta cifra a não menos de 100.000. A verdade é que jamais passaram de 22.000. Ao terminar aquela guerra, Mina, cujo grupo era o mais numeroso, tinha 7.000 homens; e D. Julião contava com apenas 2.000 em seu bando (4), que era o menor. É que a mobilidade é um multiplicador das tropas! Geralmente, já se reconhece que a guerra espanhola não contribuiu menos para a derrocada de Napoleão de que o desastre na Rússia. Com efeito, foi na Espanha que o Imperador começou a sofrer os mais graves e irreparáveis reveses. Aqui foi o princípio do fim.

INTERPRETAÇÃO MARXISTA

A guerrilha evoluiu logo, naturalmente, com a própria evolução da guerra. E esta evolução, não pouca, foi dupla. Por um lado, foi uma conseqüência da evolução dos armamentos e da aplicação técnica de diversos inventos, como o rádio e o avião. Entretanto, talvez o que mais haja transformado a tática da guerrilha haja sido a própria natureza do que agora se chama "guerra revolucionária" ou "subversiva" (5). Este nôvo tipo de luta, *sui generis*, característico, exclusivo, e por desgraça cada vez mais utilizado pela agressividade comunista, tem modificado a doutrina — e não apenas os detalhes formais — da guerrilha original, alterando-lhe a própria natureza.

O comunismo encontrou de imediato, na guerrilha, uma arma sumamente propícia, que assim passou a ampliar a técnica da luta subversiva (6). Ela é uma parte essencial desta luta (7), a sua aplicação tática. Não que seja a guerra revolucionária, em si mesma, senão apenas uma

(3) Obstinado, pertinaz, teimoso.

(4) Poderia ser dito "guerrilha", em vez de "grupo" ou "bando", pois empregamos aquela palavra em mais de um sentido.

(5) No Brasil, adotamos a conceituação formulada pelo EMFA, segundo a qual a Guerra Revolucionária é nitidamente comunista e a Guerra Subversiva pode ser considerada como uma etapa daquela (Período de Organização, pré-revolucionário, acentuadamente clandestino).

(6) No caso, melhor diríamos aqui: "da guerra revolucionária".

(7) De fato, incluímos as guerrilhas entre os tipos de ações de guerra revolucionária.

parte dela, embora importantíssima. Karl Marx prontamente compreendeu isto, de tal modo que, quando escrevia sobre o tema, há mais de um século, afirmava que “é lícito, na luta pela liberdade, não respeitar as leis da guerra, geralmente reconhecidas. Levantes em massa, métodos revolucionários, bandos de “partisans” em toda parte — acrescentava — são os meios... que permitem à parte mais débil ter a esperança de vencer um inimigo mais forte e melhor organizado”.

Desde então, esta inspiração vem tomando corpo por aqui. A velha guerrilha, a guerrilha espanhola, tem aproveitado ao comunismo como arma de ação para a conquista do poder. Os russos lhe dão o nome de “malai voina”, ou “péqueña guerra”. Os chineses a denominam “Yu Chi Chan”. Nas mãos de uns e de outros, a guerrilha alcançou uma técnica nova, para sua exclusiva aplicação no campo da subversão. Disto resulta o enorme interesse que dela advém para nós.

Modernamente, existem numerosos trabalhos e livros substanciosos, dedicados ao estudo da guerrilha, dos quais muitos são excelentes e todos instrutivos. “Ejército” honra-se de haver publicado, sobre este tema, diversos estudos selecionados. Todavia, devemos assinalar aqui a modalidade especial da guerrilha em sua aplicação na guerra revolucionária, ou subversiva, tal como têm feito os russos na Europa e os chineses na Ásia, e tal como se pratica também, hoje, em tantos e tantos outros lugares do planeta: no sudeste asiático, na Malásia, no coração da África... É por isto que queremos chamar a atenção dos nossos leitores para o tema “guerrilha”, uma vez mais — porém, projetado inteiramente sobre a doutrina comunista. Porque, afinal, continua sendo prudente verdade o nosso adágio popular, que recomenda levarem-se em conta os avisos do inimigo.

Acabam de aparecer dois novos trabalhos sobre a “guerrilha”, concebida e planejada esta pela forma aqui indicada. Um, é a obra do coronel croata Ivan Stir — que honrou o autor destas linhas colocando no livro um prólogo de sua lavra; livro este, infelizmente, ainda não publicado no idioma espanhol. O outro, publicado em espanhol, é a obra de Mao Tse Tung, “A Guerra de Guerrilhas”, que antes já os americanos se haviam apressado a verter diretamente do chinês para o inglês. Deveremos fazer aqui, apenas, um breve resumo de ambas essas obras, pois carecemos de espaço para nos alongarmos.

UM LIVRO DO CEL STIR

“A Guerrilha Comunista” é um livro excelente e curioso. O Cel Ivan Stir — um dos melhores chefes do exército croata na guerra da independência do seu país (1941-45) — pode falar deste tipo de guerra com toda a autoridade, porque praticou-a e, por outro lado, sofreu-a, imposta pelo inimigo comunista. Aquela guerra, embora um episódio glorioso, foi condenada ao fracasso pela inqualificável cegueira do mundo ocidental. Os que combatiam o comunismo titoista viram-se na contingência de en-

tregar-se aos ingleses, que os desarmaram e entregaram a Tito. O Cel Stir pôde escapar, em uma fuga audaz, e graças a isto pode agora relatar-nos suas experiências.

O comunismo tem estudado de modo perfeito a psicologia do combatente e, baseado nela, elaborou cientificamente uma teoria de guerra: a "malai voina". Começa-se por estudar o país, seus recursos, os aspectos psicológicos e sociológicos da sua população. Faz-se um vazío no fundo espiritual do combatente e se substitui êsse por outro, prefabricado, como se se tratasse de uma absoluta e total lavagem do cérebro. Depois dessa "reeducação", alcança-se o homem-fera, insensível ao cansaço, sujo (8), cruel, que é sempre o guerrilheiro comunista. As mulheres não escapam a essa situação; do seu relaxamento moral faz o Cel Stir uma descrição penosa e repugnante. São mesmo mais cruéis, mais degeneradas, mais sujas, e também mais tenazes que os homens guerrilheiros, por quem são aliás pouco apreciadas. As mais das vêzes, acabam de modo trágico. Nos momentos críticos de luta, grunem histêricamente e proferem altos gritos.

A guerrilha não é sòmente a luta pelas armas. É também, sobretudo, a propaganda, de cuja ação ninguém escapa: estudantes, operários, camponeses, clero, patriotas, etc. ... À "Agit-Prop" cabe cumprir uma missão transcendental, na guerrilha. Precisa-se de adeptos, de seguidores. Que sejam enganados ou forçados, tanto faz. Os comunistas são poucos e necessitam de outras pessoas para ajudá-los. A rede de informações cobrirá logo tudo. Cada região tem um comando guerrilheiro próprio. Uma das funções da guerrilha, e fundamental, é a infiltração e a subversão. Eis porque o comunismo se açoda em infiltrar aleivosamente seus melhores membros nas fileiras inimigas: no exército, na administração, na política, nos setores de produção e educação, enfim, entre o povo.

Ali, na retaguarda, surgem as "organizações paralelas" (9), para ajudar a obra destruidora da própria guerrilha. A unidade — tipo de ação é a "brigada", à qual cabe impulsionar o movimento de libertação, ou o exército popular — naturalmente, a serviço do comunismo. Assim a guerrilha se vale, alternadamente, das sabotagens, das emboscadas, das incursões nas vias, dos ataques aos quartéis de polícia (10), e chegará a lutar com o exército, nas ruas, quando fôr necessário. A guerrilha recebe instrução para isto especialmente nas lutas locais e urbanas. É preciso ter-se sempre em mente o derrotismo que impera nas retaguardas.

(8) Aqui o autor usa êste vocábulo na sua acepção moral. Mas, de certa forma, poderia ter o sentido total...

(9) Preferimos a denominação "hierarquias paralelas", que se podem incluir na técnica revolucionária construtiva chamada "edificação". Elas aparecem, já caracterizadas, ainda na 2ª fase (ampliação da organização) do período subversivo. Portanto, no início do movimento comunizante.

(10) Geralmente, damos como ações de guerrilhas os quatro tipos clássicos, celebrizados pelos "comandos" da 2ª GM: sabotagem, atentado, emboscada, golpe de mão.

Este é um brevíssimo resumo da tese desse ótimo livro, sobre um tema tão apaixonante quanto importante.

A GUERRILHA, SEGUNDO MAO TSE TUNG

Mao Tse Tung em suas "Obras Completas", dedica muitas e interessantes páginas à estratégia militar, sempre calcada na hipótese da "guerra revolucionária", hipótese que deveria ser o tema fundamental nos centros de ensino militar. Esta idéia, ele a proclamou claramente, há bastante tempo, no seu "A Guerra de Guerrilhas", que primeiro foi traduzido para o inglês, pelo Gen-Bda USA Samuel B. Griffith, e que agora temos em castelhano, muito bem apresentado por Luiz Maria de Pablo Pardo, na Argentina.

Os chineses, em sua remota e dilatada história, têm sempre precedentes para tudo. E Mao, para edificar a sua teoria de guerra revolucionária, achou-os nada menos que em Sun Tzu: "Corrompei tudo do inimigo, que seja de qualidade, mediante ofertas, promessas e presentes; alterei a confiança, levando os melhores chefes à prática de ações vergonhosas e vis ..., semeiei a dissensão entre eles, excitando seus zelos e desconfianças..., amolecei o ânimo das tropas; enviei-lhes mulheres fáceis, para corrompê-los..., atraí os administradores para nosso lado...". Eis aí onde o comunismo chinês acreditou achar a fórmula para ganhar a guerra sem combater.

A guerra subversiva — e, portanto, a guerrilha, que é uma modalidade de ação daquela (11) — não pretende conquistar terrenos, dominar territórios... O objetivo é simplesmente apropriar-se da população. Fazer-se dono dos habitantes, não da terra. Mao, baseando-se no que afirmara Sun Tzu, há vinte e cinco séculos, confirmou a forma de ação da guerrilha comunista: "Desorganizai — ordenou Mao — tudo o que é bom na zona inimiga; tratai de envolver os representantes das mais altas esferas dirigentes em empresas criminosas..., propagai a dissensão e a discórdia entre os cidadãos..., introduzi músicas sensuais. Enviai mulheres, para completar o trabalho de decadência... Não poupeis dinheiro: quanto mais o usardes, maiores benefícios obtereis".

Eis aqui a fórmula ativa da guerra revolucionária, com a qual a guerrilha apenas coopera. A "Yu Chi Chan" (a guerra de guerrilhas) não tem outra função senão destruir o moral, relaxar a união, a disciplina, em uma palavra, a resistência inimiga. Quanto ao mais, é acerosório, e tudo será conseguido como consequência natural.

Em dezembro de 1960, os delegados de oitenta e um partidos comunistas de todo o mundo concordaram, unânimemente, que era neces-

(11) Costumamos apresentar, como tipos de ações de guerra revolucionária, além da guerrilha (que é a sua ação mais dinâmica), a guerra psicológica, a sabotagem, o terrorismo e os distúrbios civis.

sário e urgente acelerar o ritmo das “guerras de libertação” (?) (12). Um mês depois, o próprio Kruschew dava alento à revolução mundial, ao oferecer: “Os comunistas apoiarão, sem reservas, as guerras desta classe”. “Pois no final — a frase é de Mao — o poder político sai do tubo de um canhão”.

A guerrilha que Mao Tse Tung explica é a que utilizaram os comunistas chineses contra os japoneses. A falar a verdade, naquela guerra não declarada, porém levada a efeito com tenacidade e empenho, há todo um arsenal de substanciosa e novíssima doutrina, a se aprender: que só se pode bater um adversário ao qual previamente se tenha conhecido.

A guerrilha — insiste o tratadista amarelo, — fique isto claro, faz parte da guerra revolucionária. Não é, ela mesma, a guerra revolucionária, mas apenas um modo de se realizar esta.

O método a pôr em execução compreende os seguintes pontos:

- 1º. sublevar e organizar o povo;
- 2º. unificar a política interna;
- 3º. estabelecer as “bases” (13);
- 4º. equipar as próprias forças;
- 5º. ganhar o poder, a qualquer preço;
- 6º. finalmente, destruir o inimigo, indo até o seu total aniquilamento.

A GUERRILHA — ARMA MILITAR OU POLÍTICA ?

Tempo houve em que outro chinês, Jen Chi El Shan, sustentava que: “a questão da guerra de guerrilhas é um assunto meramente militar e não político”. Os novos especialistas em guerrilha comunista (14) e em guerra subversiva, por certo anatematizam semelhante afirmação. Para o comunismo, “a guerra, como a paz, não passa de um embate político”. E, conseqüentemente, a guerra subversiva, a guerra revolucionária, a guerrilha, são “uma arma política, muito mais que militar”, concebida forçosamente com uma finalidade política. Isto não justificaria desligar-se a guerrilha, quando empregada no quadro amplo duma guerra regular, desta própria, fazendo-se ambos os tipos de lutas simultaneamente; neste caso, são inseparáveis a ação militar do exército e as ações das guerrilhas. A guerra de guerrilhas não é, para os tratadistas comunistas, um fim em si mesmo, nem por isto pode ser independente da guerra regular, quando ambas coincidem em um mesmo país. Po-

(12) Justifica-se a interrogação do autor: libertação de quem? Os comunistas classificam as guerras em “justas”, ou “de libertação”, feitas para impor mais cedo ou mais tarde um regime vermelho; e “injustas”, ou “imperialistas”, que visam, pelo combate ao comunismo, a oprimir o povo.

(13) Na técnica comunista, “base” é uma região onde, com certa segurança, podem os revolucionários suprir-se, acoitar-se, enfim, viver. Se esta região já não fosse humanizada, em pouco tempo passaria a sê-lo, para servir ao movimento. Com a ampliação dêste, surgem as “zonas liberadas” — reunindo várias “bases”.

(14) Note-se a caracterização — “guerrilha comunista”, — distinguindo-a de outra qualquer.

rém, a guerrilha pode atuar sòzinha, no caso de uma subversão, quando não é fácil, nem sequer possível, opor-se um exército regular próprio ao exército nacional. Pela tese de Mao, não há dúvida: "as operações de guerrilhas não são senão uma fase da guerra de resistência".

Nós, entretanto, retrucamos: "ela é a própria guerra de resistência" (15).



GRÁFICO 1. A Rússia, antes da última guerra, era o único Estado comunista no mundo. Por essa época, 160 milhões de seres humanos padeciam na imensa "checa" que é a URSS.

A guerrilha comunista chinesa — em sua missão de conquistar os habitantes, mais que o terreno — pôs em prática o Código conhecido pelo nome de "as Três Regras e as Oito Advertências", que a seguir relacionaremos. As Regras são:

- 1ª — tôdas as ações são sujeitas a comando;
- 2ª — não roubar o povo;
- 3ª — não ser egoísta e injusto.

(15) Evidentemente, aqui o autor, num jôgo de palavras, chama de resistência à oposição ao comunismo, preconizando o "uso das mesmas armas", e lembrando-se dos exemplos históricos. Já Mao atribui à resistência a idéia "resistir às forças anticomunistas"...

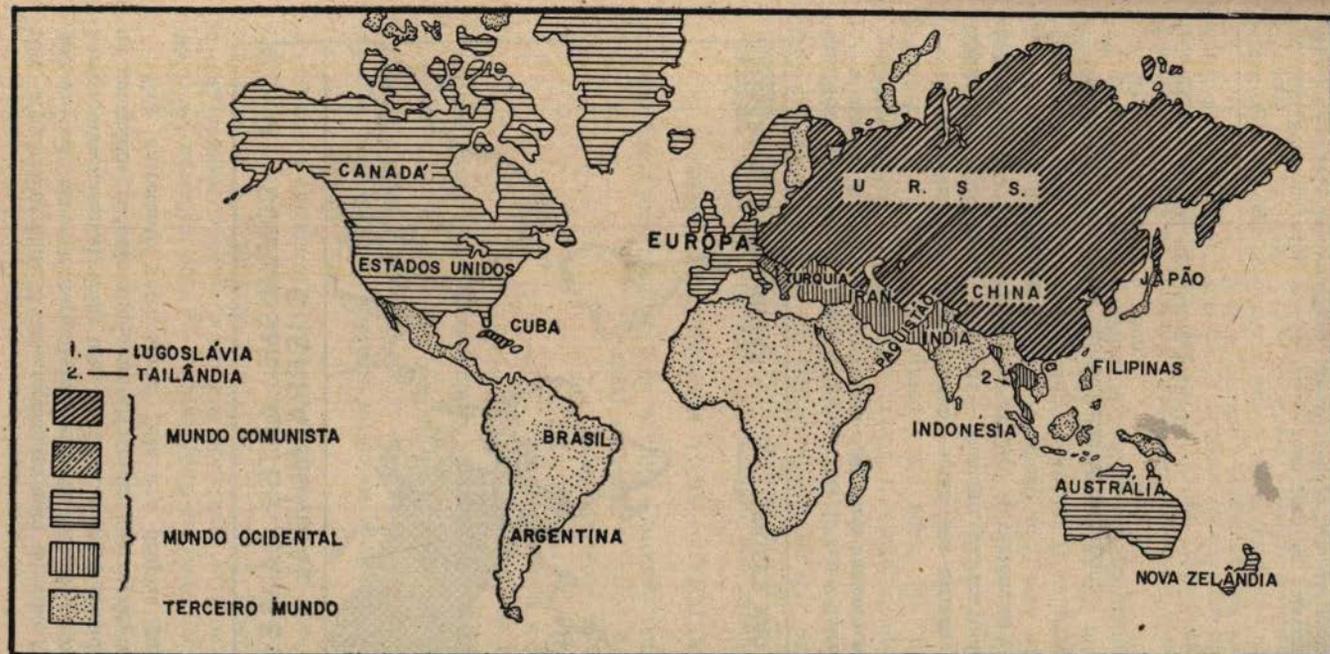


GRÁFICO 2. Terminada a guerra, principalmente na paz, o comunismo irradou-se pelo modo mostrado neste gráfico. Atualmente, a superfície e a população do mundo dividem-se entre "países comunistas", "países livres" e "países neutros" (ou "terceiro mundo") (16). O comunismo já domina aproximadamente a terça parte da população global, i. e., mais de mil milhões de habitantes (cêrca de 7 vêzes mais que antes da guerra). Então, "o comunismo ganhou a guerra"!

E as Advertências:

- 1ª — reponha no lugar a porta, ao deixar a casa (*);
- 2ª — enrole a cama em que dormiu (17);
- 3ª — seja cortês;
- 4ª — seja honesto em suas transações;
- 5ª — devolva o que tomar emprestado;
- 6ª — substitua o que tiver quebrado;
- 7ª — não se banhe em presença de mulheres;
- 8ª — se não tiver autoridade, não reviste os documentos de quem prender.

Como se vê, trata-se de um pretenso código moral, ocasional, para facilitar a conquista de adeptos. O Exército Vermelho ajustou-se a êste código durante dez anos e logo êle foi adotado por outros exércitos populares. Não se trata de uma "moral como objetivo", senão apenas de uma "moral de propaganda", de circunstância, nitidamente utilitária.

Samuel B. Griffith, ao apresentar "A Guerra de Guerrilhas", de Mao Tse Tung, faz sôbre a obra uma advertência fundamental: "Estamos diante de uma nova concepção da guerra, bem como da guerrilha. Estamos, enfim, diante da concepção militar do comunismo. Daí o interêsse desta leitura".

Luiz Maria de Pablo Pardo sintetiza muito bem a questão: "A Guerra subversiva ou revolucionária é, acima de tudo, a guerra da arma psicológica; a sétima arma; a arma da decomposição; a ciência da discórdia; a técnica da desagregação. O espírito do adversário converte-se em objetivo militar; é como a tarefa de Judith na sedução de Holofernes".

Tal é a tática militar dêstes dias de paz, de uma paz impròpriamente assim denominada; dias de "coexistência pacífica" (!); de guerra fria e de "conquistas sem guerra".

Atenção, pois! Atenção para o perigo!

(*) Esclarece Samuel B. Griffith que na China, durante o verão, as portas das casas são a miúde retiradas dos gonzos (suportes) e usadas como camas.

(16) Ocorrem-nos duas observações a fazer ao texto do Gráfico 2. Primeira: que a expansão comunista, nestes anos de "paz agressiva", ou de "guerra fria", tem seguido a norma recomendada por Sun Tzu (e citada com destaque por Liddell Hart, na sua obra "Strategy" — "As Grandes Guerras da História"), a saber: "O ideal, na Guerra, é quebrar a resistência do inimigo sem luta". Pelo menos, num combate direto, ostensivo, com as suas próprias forças... A segunda observação, é que o Autor limita incompreensivelmente o seu conceito de "países livres", e ao mesmo tempo inclui num só bloco, como "neutros", alguns países que não participam diretamente do grande conflito universal, mas que têm posição definida quanto ao mesmo. É o caso do Brasil, em que pèse o lamentável período de política externa tortuosa, que por felicidade há um ano se encerrou — exatamente por sermos uma nação livre!

(17) Assim, a cama referida na 2ª advertência deve ser o conjunto colchão-roupa de cama... (Nota do Autor).

REPRESENTANTE!

1. Prestígie sua Revista, divulgando-a ao máximo em sua Unidade e estimulando novas assinaturas. O valor de A DEFESA NACIONAL é muito superior ao de sua assinatura. Ela contém matéria sempre de interesse para os Quadros do Exército. São 51 anos a serviço da cultura militar.

2. FAÇA A REVISTA CAMINHAR. Caso um assinante tenha sido transferido, encaminhe seu exemplar diretamente a êle e comunique-nos o novo endereço, para a devida alteração em nosso fichário. Evitará, assim, que o assinante transferido receba sua Revista com grande atraso, ou mesmo não a receba, e poupará trabalho à nossa reduzida Seção de Expedição.

3. Verifique na Tesouraria de sua Unidade:

- a) Se há assinante em débito com a Revista;
- b) Se o pagamento das assinaturas está sendo feito em dia;
- c) Se o desconto mínimo em fôlha está sendo de Cr\$ 200;
- d) Se as quantias destinadas ao pagamento das assinaturas estão sendo remetidas pelo correio em vale postal ou valor declarado e pelo Banco do Brasil com a declaração de pagável na Agência Central do Banco do Brasil, Estado da Guanabara;
- e) Se as despesas de remessa do valor das assinaturas estão correndo, como devem, por conta do assinante e não por conta da Revista. Nosso preço já é muito baixo para que a Revista possa suportar mais êsse ônus.

4. Finalmente, estimule os jovens oficiais para que remetam seus trabalhos de natureza profissional. Poderão servir de valioso subsídio aos Quadros do Exército.

A DIRETORIA